

Cibercultura e Perspectivas Decoloniais: Futuros Alternativos às Big Techs e a Expressão de Corpos Dissidentes Gays ¹

Yuri Demartini Bernardo ²

Resumo expandido Painel Temático 5 - Diversidade, desigualdades e vulnerabilidades

Resumo

Este artigo analisa como homens gays, enquanto corpos dissidentes, constroem práticas digitais de resistência frente à normatização imposta pelas Big Techs. A partir de uma abordagem decolonial e interseccional, investiga-se como a cibercultura é atravessada por lógicas de colonialidade, controle algorítmico e apagamento de subjetividades dissidentes. Com base na análise de discurso crítica e etnografia digital, foram examinadas postagens de criadores de conteúdo gays em plataformas como TikTok, Instagram e X, além de experiências em redes alternativas como Discord. Os resultados revelam estratégias de reexistência: performances de gênero não normativas, criação de redes de afeto, crítica ao pink money e migração para espaços digitais autônomos. Essas ações apontam para futuros possíveis e plurais, em que a tecnologia é apropriada como ferramenta de emancipação. O estudo contribui para pensar os usos dissidentes da cibercultura a partir de epistemologias do Sul e dos corpos que escapam à norma.

Palavras-chave: Cibercultura; Colonialidade; Homens gays; Corpos dissidentes; Reexistência.

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático 5 - Diversidade, desigualdades e vulnerabilidades do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestrando em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo). E-mail: yuridemartini22@gmail.com

Introdução

O domínio das Big Techs — conglomerados como Meta, Google, X (anteriormente conhecido como Twitter), Amazon e TikTok — exerce uma influência profunda e multifacetada sobre as relações sociais, afetivas e identitárias na contemporaneidade. Essas plataformas operam com base em lógicas que frequentemente refletem estruturas coloniais, capitalistas e normativas, moldando não apenas a comunicação, mas também a percepção de identidade e pertencimento.

Embora essas tecnologias ofereçam uma visibilidade inédita a sujeitos historicamente marginalizados, como homens gays e outros corpos dissidentes, elas também impõem mecanismos de controle, padronização e vigilância algorítmica que podem restringir a liberdade individual e a diversidade de experiências.

Neste cenário complexo, somos convocados a refletir sobre caminhos de resistência e reinvenção, buscando uma abordagem decolonial que desafie essas dinâmicas hegemônicas. Os corpos dissidentes, em suas diversas manifestações, têm se mobilizado para criar práticas e narrativas que tensionam as estruturas de poder estabelecidas.

Ao promover futuros digitais alternativos, essas iniciativas são fundamentadas em princípios de comunalidade, estética radical, afetividade e autonomia, oferecendo novas possibilidades de interação e expressão. Assim, a investigação sobre essas práticas não apenas ilumina as contradições inerentes ao espaço digital contemporâneo, mas também aponta para horizontes de transformação social e cultural que desafiam a ordem vigente.

Objetivos

Objetivo Geral:

Investigar como homens gays, enquanto corpos dissidentes, constroem práticas digitais de resistência e reexistência que propõem alternativas às lógicas coloniais e capitalistas das Big Techs, a partir de uma perspectiva decolonial.

Objetivos Específicos:

Analisar experiências digitais que se afastam da normatividade cisheteronormativa; Mapear estratégias criativas de enfrentamento ao controle algorítmico e Refletir sobre a articulação entre cibercultura, dissidência sexual e epistemologias decoloniais.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa fundamentada na Análise de Discurso Crítica, conforme os estudos de Fairclough (2001) e Orlandi (2015), e foi complementada por uma etnografia digital, seguindo a perspectiva proposta por Hine (2015). Essa combinação metodológica permitiu uma compreensão aprofundada das dinâmicas de poder e resistência presentes nas interações digitais entre criadores de conteúdo gays que explicitamente tensionam normas de gênero, consumo e representação nas redes sociais.

A coleta de dados foi realizada entre junho e agosto de 2025, abrangendo um corpus diversificado que inclui 20 vídeos no TikTok de criadores como @pretofabio, @bixaquebrada e @viadosrevoltados, os quais discutem temas como afeto negro, erotismo e exclusão digital. Esses vídeos possibilitaram uma reflexão crítica sobre as intersecções entre identidade racial, sexualidade e as práticas de engajamento nas redes sociais. Além disso, foram analisadas 15 threads no X (Twitter) que trazem denúncias de censura, shadow banning e apagamento de conteúdos relacionados à sexualidade dissidente, permitindo identificar as estratégias de silenciamento que afetam a visibilidade e a expressão de vozes marginalizadas.

A pesquisa também incluiu postagens no Instagram que discutem corpos não hegemônicos e estética queer periférica, além de memes que funcionam como formas de crítica cultural. A análise dessas postagens revelou como a estética e a criatividade podem atuar como ferramentas de resistência e afirmação identitária. Por fim, foram considerados perfis que migraram para plataformas descentralizadas como Mastodon e Discord, onde comunidades seguras e autorreguladas têm sido formadas. Essa parte da análise procurou entender as motivações para essa migração e como essas novas comunidades desafiam as normas estabelecidas nas plataformas tradicionais.

A análise dos dados buscou identificar os sentidos produzidos, os recursos discursivos e visuais utilizados, bem como as estratégias de enfrentamento às normativas das plataformas. Por meio dessa abordagem, a pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais ampla das formas de resistência e reinvenção que emergem no contexto digital, destacando a criatividade e a resiliência das vozes dissidentes.

Referencial Teórico

A base teórica deste estudo articula de maneira integrada conceitos fundamentais da cibercultura, conforme abordado por Lemos (2002) e Lévy (1999), com os princípios da decolonialidade, conforme discutido por Quijano (2005), Lugones (2008) e Mignolo (2007). A teoria queer, com contribuições significativas de Preciado (2014) e Bento (2017), também desempenha um papel central nesta discussão, permitindo uma análise crítica das normativas de gênero e sexualidade que permeiam as interações digitais.

Além disso, a crítica ao tecnocolonialismo, conforme explorada por Couldry e Mejias (2019), oferece um quadro teórico robusto para compreender como as tecnologias digitais perpetuam estruturas de poder colonial e capitalista.

A discussão é permeada por uma perspectiva interseccional, conforme delineado por Crenshaw (2002), que enfatiza a importância de considerar as múltiplas camadas de opressão e privilégio que afetam os corpos gays racializados e periféricos. Essa abordagem interseccional é crucial para entender as complexidades enfrentadas por esses indivíduos em relação às políticas e algoritmos das plataformas hegemônicas, que muitas vezes reproduzem e amplificam desigualdades sociais e culturais.

Dessa maneira, a pesquisa não apenas aborda as interações entre tecnologia e identidade, mas também questiona as dinâmicas de exclusão e resistência que emergem nesse contexto, contribuindo para um diálogo mais amplo sobre justiça social e a luta por visibilidade e reconhecimento no espaço digital.

Resultados e Discussão

Os dados analisados revelam uma diversidade de formas criativas de resistência digital, manifestadas de maneira inovadora em várias plataformas. Uma das expressões mais notáveis dessa resistência ocorre no TikTok, onde homens gays periféricos realizam performances de gênero subversivas. Nesses vídeos, eles dançam usando figurinos frequentemente considerados "femininos", utilizando estética, ironia e crítica ao machismo enraizado na cultura heteronormativa. No entanto, essas ações desafiadoras não vêm sem consequências; frequentemente, são penalizadas pelas plataformas, revelando o viés algorítmico que regulamenta o que é considerado "conteúdo apropriado".

Além disso, a produção de narrativas afetivas no Instagram e no X (Twitter) tem se mostrado uma forma poderosa de resistência. Nesses espaços, homens gays compartilham vivências que exploram amor, amizade e sexualidade fora dos moldes tradicionais do corpo padrão branco e musculoso. Um exemplo marcante é a série "Corpos reais, afetos reais", criada por

@bixaquebrada, que questiona diretamente o padrão de beleza gay imposto por redes como Grindr e Instagram, promovendo uma diversidade de representações que desafiam as normas estabelecidas.

Outra estratégia observada é a migração para plataformas descentralizadas, como a utilização de servidores próprios no Discord, que servem como espaços para encontros e debates sobre raça, afeto e sexualidade. Nesses ambientes, os usuários não apenas constroem códigos internos e memes locais, mas também estabelecem estruturas horizontais de pertencimento, rompendo com a lógica centralizadora das Big Techs. Essa autonomia digital permite uma maior liberdade de expressão e a criação de comunidades seguras, onde as vozes dissidentes podem florescer.

Além disso, campanhas de boicote e denúncias de censura têm ganhado destaque, como a hashtag #GayContentIsNotPorn, que critica o tratamento desproporcional dado a conteúdos afetivos entre homens em comparação com os de casais heterossexuais. Essa mobilização evidencia uma luta coletiva pela equidade e visibilidade, desafiando as normas que tentam silenciar essas narrativas.

Essas práticas coletivas e inovadoras apontam para a construção de uma “cibercultura de reexistência”, na qual os corpos dissidentes não apenas resistem ao apagamento, mas também reinventam modos de vida e formas de estar no digital. A partir de saberes outros, periféricos e insurgentes, essas expressões criativas tornam-se fundamentais para a afirmação de identidades e para a construção de um espaço digital mais inclusivo e representativo.

Conclusão

Os homens gays, enquanto sujeitos dissidentes, transcendem a mera ocupação dos espaços digitais moldados pelas Big Techs. Em vez de se conformarem aos limites impostos por essas plataformas, eles criam fissuras, contornos e espaços alternativos que se configuram como práticas decoloniais. Nesse contexto, a cibercultura deixa de ser apenas um território de consumo e vigilância, transformando-se em um espaço vibrante de invenção política, estética e comunitária.

A radicalidade dessas experiências não reside apenas na denúncia do sistema vigente, mas na capacidade de gerar novas formas de existir, comunicar e se relacionar. Através de suas ações, esses indivíduos afirmam um futuro onde o digital se torna uma ferramenta de liberdade, não de controle. Eles desafiam as normas estabelecidas, promovendo a diversidade e a inclusão, enquanto cultivam uma cultura de resistência que valoriza a criatividade e a autenticidade.

Essas práticas não apenas reconfiguram as interações sociais, mas também abrem novas possibilidades para a construção de identidades plurais e para a afirmação de vozes historicamente marginalizadas. Assim, o espaço digital se transforma em um campo de luta e afirmação, onde a colaboração e a solidariedade se tornam essenciais para a construção de um futuro mais justo e equitativo. Ao reivindicarem seus direitos à visibilidade e à expressão, os homens gays estão, portanto, não apenas resistindo ao apagamento, mas também moldando um novo paradigma que celebra a diversidade e a liberdade no espaço digital.

Em última análise, essa pesquisa não apenas ilumina as dinâmicas de resistência presentes nas práticas digitais dos homens gays, mas também convida a uma reflexão mais ampla sobre o papel das tecnologias na promoção de justiça social e na luta contra as estruturas de opressão. O futuro do digital, assim, é um espaço em constante construção, onde as vozes dissidentes desempenham um papel crucial na redefinição das relações de poder e na afirmação de uma cibercultura verdadeiramente inclusiva.

Referências

- BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: UNB, 2001.
- HINE, Christine. Etnografia virtual. Porto Alegre: UFRGS, 2015.
- LEMOS, André. Cibercultura. São Paulo: Editora Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUGONES, María. Colonialidad y género. Tabula Rasa, n. 9, p. 73-101, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Epistemologia do sul e a opção decolonial. In: SANTOS, B. de S. (Org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.
- PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.